



## A política cotidiana

Alexandre Ramos dos Santos<sup>1</sup>  
Raimundo Justino<sup>2</sup>

O questionamento sobre o significado da palavra política sempre revela uma visão negativa que as pessoas têm sobre o tema<sup>3</sup>. Palavras e expressões revelam um descontentamento com os políticos e tudo que esteja ligado ao universo da política, como um elemento externo, sem ligação com a vida cotidiana.

Um erro comum ao se discutir sobre política é tratá-la como algo distante dos cidadãos. Com isso não há uma identificação dos sujeitos com algo que é parte da organização social humana por excelência. Então, o primeiro caminho é a aproximação dos sujeitos com a política, mostrando sua relação de proximidade.

Para Aristóteles o “homem é um animal político” por excelência e a “linguagem” é o que possibilita ao homem essa capacidade de expressar seus sentimentos e vontades, articular ideias, discutir e se organizar. É por meio da linguagem que nos diferenciamos dos demais animais gregários (MARCONDES, 2005, p. 55-56).

A palavra política que vem do grego *politiká*, uma derivação da palavra *pólis* (cidade), expressa a necessidade de organização da sociedade a partir de uma complexidade que atende às necessidades de sujeitos e grupos específicos, mas essa necessidade de organização não ocorre apenas no espaço público e não está ligada somente às grandes decisões, voltadas para as grandes massas.

No cotidiano de todo sujeito impõe-se uma organização política que abrange a casa, a escola, o trabalho, os locais de lazer, ou seja, está presente em todo lugar.

<sup>1</sup> Cientista Social, mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes Ciências e Humanidades da USP (EACH-USP). Professor de Sociologia da rede estadual de ensino e membro fundador do Grupo Senso.

<sup>2</sup> Historiador, mestrando em Estudos Culturais pela Escola de Artes Ciências e Humanidade da USP (EACH-USP). Professor da rede municipal de ensino e fundador do Grupo Senso.

<sup>3</sup> Texto elaborado como parte do seminário “O que é Política”, organizado pelo Grupo Senso, na Associação da Casa dos Deficientes de Ermelino Matarazzo (ACDEM), no dia 20 de Setembro de 2016.



Nesse sentido podemos dizer que a política está ligada às relações de poder, entendendo esse como a capacidade de controlar indivíduos, onde um grupo ou uma pessoa tem a possibilidade de exercer o controle sobre outro grupo ou pessoa. Para Max Weber, o centro da atividade política é o poder.

Em linhas gerais, política e poder estão intimamente ligados a quem manda, quem obedece, onde, quando e por quê. Exemplo disso é pensarmos como essas relações se orientam no âmbito doméstico, a partir da análise de como ocorre essa divisão do poder. Numa casa, quem tem maior poder de decisão? Como são divididas as tarefas? Quem tem menos direito de opinião? Quem mais interfere nas decisões? Por que elas ocorrem dessa maneira?

É a partir desse modelo simples que podemos aplicar essas questões em todos ambientes frequentados e perceber que, todas as relações sociais pressupõem relações de poder.

Podemos assim olhar de uma maneira crítica às relações cotidianas e perceber que, mesmo quando não queremos agir politicamente, estamos agindo. Seja na tomada de decisões, na participação em sociedade dos diversos grupos, no estabelecimento de relação com nossos amigos.

Mesmo quando não tomamos partido de uma situação, é possível dizer que estamos agindo politicamente, pois essa suposta neutralidade é o que autoriza que outros tomem decisões por nós e se não nos manifestamos é porque existe uma concordância em deixar com que o outro decida. É possível dizer que essa é uma postura conservadora diante dos problemas cotidianos. Da mesma forma quanto tomamos uma atitude errada, como furar a fila do supermercado, quando avistamos um amigo. Essa atitude pressupõe burlar uma lei ou regra de um ambiente para nosso favorecimento, prejudicando outras pessoas. Mais uma vez estamos sendo políticos, porém, agimos politicamente em causa própria, para obtermos uma vantagem pessoal.

O que é importante perceber é que todo esse universo da micropolítica, ou da pequena política da vida cotidiana, soma-se com outras tantas formas



políticas que não obstante é a base da grande Política (com P maiúsculo), que interfere e atua na vida de centenas, milhares, milhões de pessoas.

Afinal, você já parou para pensar de onde saem os nossos políticos? De onde eles herdam os vícios que se instalam como o lado ruim da nossa política?

Isso mesmo, todos eles saem da sociedade, surgem como cidadãos comuns no seio da sociedade e alcançam os altos escalões da Política maior. Dessa forma, analisar e refletir a micropolítica da vida cotidiana é condição fundamental para começar a refletir e entender as relações da Política institucional.

Foi exatamente partindo das realidades sociais que Alex de Tocqueville, em sua curta existência, procurou conhecer o contexto histórico dos processos políticos. Um dos exemplos foram as colônias inglesas no continente americano, nas quais um pacto político permitiu que nascesse um cenário de bem estar para todos. Tocqueville não apenas analisou o fenômeno, mas o observou *in loco*:

com nitidez, as características dos emigrantes ingleses que se instalaram na costa do Atlântico Norte (...). Eram colonos detentores de certa posição social em seu país de origem (...); o que os motivou a enfrentar o exílio foi a esperança em ter uma vida próspera e liberdade para que pudessem, ali, pôr em prática a sua fé religiosa (SILVA, 2007)

O que se constitui naquele país foi, considerando as ressalvas, um governo democrático. E este só foi possível também porque estava enraizada na mente daqueles sujeitos a ideia de que a cada sol que se levantava era necessário construir mais um pedacinho do cenário que eles desejavam. Isso certamente incluiu compreender o outro, mas posicionar-se também sempre que fosse preciso.



Diferentes experiências políticas nos lembram desta necessidade: o que seria da resistência de Canudos ou da teimosia dos zapatistas se não houvesse, entre eles, um padrão mínimo de entendimento, ou de que viver a política é algo fundamental para o bem da coletividade?

Entender a Política é algo complexo, ainda mais sob o manto da Democracia; mas não pode ser algo tão distante a ponto de não incluirmos ambos nas práticas e desejos que formatam nosso dia-a-dia.

### Referências bibliográficas

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

SILVA, José Otacílio da. **O poder político na visão de Tocqueville**: um diferencial entre antigos e modernos. Revista espaço acadêmico, número 75, Agosto/ 2007.

*Como citar:*

SANTOS, Alexandre Ramos dos e JUSTINO, Raimundo. **A política cotidiana**. Disponível em: <<https://gruposenso.wordpress.com/2016/10/28/a-politica-cotidiana-texto/>>, Grupo Senso: São Paulo, 2016.